

MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA DE SÃO PAULO

CONSTANTINO CARNEIRO FRAGA (*)
RUBENS DE ARAUJO DIAS (*)

Um dos instrumentos de análise que pode ser utilizado para estimar o desenvolvimento do setor agrícola, é o de procurar avaliar o nível de tecnologia utilizado em cada exploração ou grupo de explorações. Isto acrescentado de outros critérios e ou medidas de avaliação, permite obter bases de referência que possibilitam, dependendo da soma de informações disponíveis, julgamentos mais ou menos razoáveis sobre o grau de progresso agrícola.

Em recente estudo sobre o desenvolvimento da agricultura paulista, que se acha ainda em vias de ultimateção no Instituto de Economia Agrícola, lançou-se mão de vários critérios, incluindo-se o já mencionado e do manejo desse elenco de análises chegou-se a alguns resultados que, ao menos aparentemente, bem expressam e configuram o estágio em que se encontra essa agricultura.

No que respeita ao nível de tecnologia das explorações, os 21 principais produtos da agricultura de S. Paulo e que respondem por mais de 80% do seu valor, foram divididos, formando 3 grupos: o dos produtos modernos, o dos tradicionais e o daqueles em transição. Nos produtos modernos, incluíram-se as atividades que de modo mais generalizado já incorporam tecnologia mais avançada, com o maior uso de insumos modernos, adquiridos fora do setor agrícola. No grupo oposto, o dos produtos tradicionais, aquelas em que não se nota de maneira apreciável a utilização de novas téc-

(*) Instituto de Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura de São Paulo.

nicas e finalmente, nos produtos em transição, as explorações em que já se verifica o emprego razoável de insumos e técnicas modernas em proporções crescentes. A classificação dos produtos nesses três grupos foi feita com base na situação presente, pois como se vê, trata-se de uma sistemática dinâmica, variável no tempo, uma vez que explorações antes rotineiramente conduzidas, passaram a empregar técnica mais avançada. O inverso, embora menos frequente também é verdadeiro, desde que uma determinada exploração após progredir tecnicamente pode entrar em período de estagnação e até regredir.

A composição dos grupos, como acima definida, ficou a seguinte, no estudo já mencionado:

- A — Produtos modernos — Algodão, batata, cana, casulo, laranja, ovos, soja e tomate.
- B — Produtos em transição: Amendoim, banana, café, cebola, chá, milho e mandioca.
- C — Produtos tradicionais: Arroz, bovinos de corte, feijão, leite, mamona e suínos.

Cabe observar que a não inclusão, por deficiência de informações de um bom número de produtos, infirma um pouco o primeiro grupo, uma vez que os importantes setores das hortaliças, flores e frangos de corte, seriam incluídos quase totalmente no mesmo.

Analisando o comportamento desses três grupos no conjunto da agricultura paulista, no período que se estende de 1948 a 1969, tem-se de forma bastante resumida, os seguintes resultados.

I) *Renda* — O conjunto de produtos considerados modernos, vêm apresentando uma crescente participação no valor da produção do setor. Assim, de um percentual de 26% no quinquênio 48/52 passou a 37% no biênio 68/69. Em outras palavras, as explorações conduzidas sob técnica moderna já contribuem com mais de 1/3 de todo o valor da produção agrícola. Entre os quinquênios extremos do período examinado i.e, entre 48/52 e 65/69 este grupo expandiu-se em 87%, o que significa uma taxa anual de 3,8%. Caso pudessem ser incluídos neste grupo produtos que, por razões já ditas, deixaram de o ser, então a sua contribuição seria maior. Isto aliás, pode ser exemplificado com o biênio 68/69,

para o qual já se dispõe de dados preliminares que permitem admitir a inclusão desses produtos. Assim fazendo, a participação deste grupo, no valor total da produção agrícola subiria de 37% para 44%, já se aproximando consequentemente da metade da renda agrícola paulista.

Outro cotejo significativo a esse respeito seria o de considerar a evolução efetiva verificada na participação dos produtos modernos, mas cingindo-se àqueles que no transcurso do período seriam considerados como tal. Nesse caso, em 1948/52 o grupo moderno contribuiria com apenas 5,5% do valor total da produção, enquanto agora atinge quase metade.

O segundo grupo i.e, o representativo dos produtos em transição, acusou forte queda. Sua participação que atinge 46% no quinquênio 53/57, baixou em 68/69 para 25% do total. Cabe notar entretanto que neste grupo figura o café, sabidamente uma lavoura que no período em análise sofreu acentuada redução e um produto cujos preços, nos últimos anos estiveram bastante deprimidos. Fazendo-se abstração do café, o comportamento do grupo teria sido diferente, mostrando inclusive aumentos. Como peculiaridade, observe-se que neste grupo não se inclui nenhuma exploração animal, as quais, ou se enquadram no grupo moderno como ovos e casulo de seda ou entram na composição do grupo tradicional (bovinos, suínos e leite).

Finalmente, o grupo das explorações tradicionais manteve uma participação em torno de 30% nos 2 primeiros quinquênios do período sob análise, elevando-a para 37% daí para a frente. Em grande parte, essa sustentação e até ganho de participação deve-se ao crescimento experimentado pela pecuária de carne e de leite, o qual, foi muito mais de caráter quantitativo que qualitativo. Como se vê, é ainda bastante ponderável a faixa atrasada da agricultura paulista.

O quadro 1, resume em número o que vem de ser exposto.

II) *Volume* — De 1948 a 1969, o volume de produção do conjunto dos produtos modernos cresceu firme e constantemente em todos os quinquênios em que foi dividido o período em exame, bem como no biênio final de 68/69. O acréscimo entre os quinquênios extremos foi de 129%, gerado por uma taxa anual de 5%, bastante auspiciosa por con-

seguinte. O grupo dos produtos em transição registrou comportamento variável, aumentando até 41% em 58/62 para baixar ligeiramente nos 5 anos seguintes e de modo mais pronunciado em 68/69, cujo índice foi de 118% em relação ao ponto de origem. Essa variação deve-se principalmente ao café com suas produções mais ou menos cíclicas e que entre o início e o fim do período acusa uma quebra de 11% em sua produção.

QUADRO 1. — Valor da Produção Agrícola de São Paulo ⁽¹⁾ por Grupo de Tecnificação Encontrada Atualmente

Grupo	Média de quinquênios				Média biênio 1968/69 ⁽²⁾
	1948/52	1953/57	1958/62	1963/67	
Moderno					
Milhões de Cr\$ (de 1968)	762,6	840,0	1.075,3	1.421,8	1.346,2
índices	100	110	133	186	176
Participação no total	26,3	23,7	28,7	34,6	37,3
Transição					
Milhões de Cr\$ (de 1968)	1.244,6	1.620,3	1.257,3	1.171,1	885,7
índices	100	130	101	94	71
Participação no total	43,0	45,9	33,6	28,5	25,2
Tradicional					
Milhões de Cr\$ (de 1968)	886,1	1.069,6	1.409,4	1.513,0	1.280,9
índices	100	121	159	171	144
Participação no total	30,6	30,3	37,7	36,8	36,5
Total geral					
Milhões de Cr\$ (de 1968)	2.893,3	3.529,9	3.742,2	4.105,9	3.512,8
índices	100	122	129	142	121

⁽¹⁾ Abrange 21 produtos.

⁽²⁾ Dados preliminares.

FONTE: Instituto de Economia Agrícola.

Quanto aos produtos tradicionais, oferecem eles uma tendência de moderado aumento até o último quinquênio (63/67) com ligeira queda nos 2 últimos anos. Dos produtos que dele participam, o que maior expansão apresentou

foi o leite, com 155%. A produção de carne bovina nos 20 anos do período, aumentou de apenas um quinto (21%) e quanto ao arroz e feijão, seus ganhos foram insignificantes, cifrando-se em 4% e 3% respectivamente.

O quadro 2, resume as modificações ocorridas nos volumes dos 3 grupos.

QUADRO 2. — Índice de Volume Produzido pela Agricultura de São Paulo por Grupos de Tecnificação

Média de quinquênio e biênio	Índice global	Grupo		
		Moderno	Transição	Tradicional
1948/52	100	100	100	100
1953/57	113	126	112	104
1958/62	142	168	141	127
1963/67	154	212	139	132
1968/69 ⁽¹⁾	149	233	118	126

(¹) Dados preliminares.

FONTE: Instituto de Economia Agrícola.

III) *Área* — A área ocupada pelos 7 produtos que compõem o grupo moderno (excluído obviamente o ovo e mantendo o casulo de sêda devido à área em amoreiras) acusa reduções ao longo do período em exame. Entre o quinquênio inicial (48/52) e o biênio final (68/69) a superfície de plantio registra uma queda de 8%. A área de algodão contraiu-se em 60% e a da batata em 28%. Em contra partida, a superfície da cana quadruplicou e a citricultura expandiu-se em mais de 8,5 vezes.

No conjunto dos produtos em transição, a área cultivada apresentou aumento, o qual, chegou a ser ponderável no quinquênio 58/62 (37%) mas caiu daí por diante, até chegar em 68/69 com apenas 14% a mais que em 48/52. As duas principais modificações verificadas dentro do grupo e em sentido inverso, deram-se com o café e o milho. O primeiro, que durante muito tempo foi o cultivo que ocupava maior extensão de plantio no Estado, contraiu-se em 50%

e o segundo, aumentou 76%. Hoje, o milho é de longe o produto mais extensamente cultivado em S. Paulo, ocupando sua lavoura mais de 1/4 (27%) da área agrícola total.

No que respeita aos 3 produtos vegetais que integram o grupo tradicional, todos eles tiveram suas áreas de cultivo aumentadas, sendo de 69% a do arroz, 42% a do feijão e 33% a da mamona.

Os números do quadro abaixo, sintetizam os comentários relativos às variações constatadas nas superfícies de plantio.

QUADRO 3. — Evolução da Área Cultivada no Estado de São Paulo por Grupos de Tecnicificação

Média de quinquênio e biênio	Índice global	Grupo		
		Moderno	Transição	Tradicional
1948/52	100	100	100	100
1953/57	113	85	128	114
1958/62	120	84	137	130
1963/67	122	98	120	173
1968/69	113	92	114	150

FONTE: Instituto de Economia Agrícola.

IV) *Rendimento físico* — O conjunto dos produtos modernos apresentou tendência de constante e substancial aumento de produtividade ao longo de todo o período, inclusive no biênio 68/69, não obstante as adversas condições de tempo reinantes nestes 2 anos. O acréscimo entre os quinquênios extremos foi de 69%, correspondendo a uma taxa anual de 2,9%, bastante expressiva neste caso. O ganho mais espetaculoso foi registrado pela cotonicultura, com 146%, seguido da batata com 131% e do tomate com 89%. Todos os componentes do grupo acusaram melhoria de rendimento sendo o menor o da cana (13%) cabendo entretanto considerar que a área desta exploração expandiu-se em cerca de 300%, o que valoriza aquele ganho.

Os produtos em transição em seu todo, também apresentaram melhoria de rendimento. No biênio 68/69 houve queda mas permanecendo ainda cerca de 20% acima do quin-

quinênio 48/52. O progresso foi entretanto menor que o verificado com os produtos modernos. O chá, encabeça os produtos que maiores progressos fizeram. Não obstante sua limitada importância, os atuais rendimentos unitários desta exploração são dos melhores do mundo. O café vem a seguir, com um ganho de 73%, cabendo no entanto ter em conta que sua superfície de plantio reduziu-se em 50%, tendo havido substancial erradicação de cafezais de baixa produtividade. O milho, mesmo com a difusão do emprego de sementes híbridas registrou o modesto aumento de 24%, um pouco valorizado pelo aumento de área. No grupo, o único produto cujo rendimento deteriorou foi a banana, com queda de 14%.

Os três produtos vegetais do grupo tradicional registraram em seu conjunto rendimentos sensivelmente mais baixos, os quais, chegam a pouco menos da metade entre 48/52 e o biênio 68/69. Dos três, o que se encontra em pior situação é o arroz, cuja produtividade é hoje, 38% inferior à de 48/52. A seguir, está o feijão, com quebra de 28% em seus rendimentos unitários. A mamona, melhorou em apenas 1% sua produtividade.

Um resumo numérico do que vem de ser dito, é encontrado no seguinte quadro:

QUADRO 4. — Evolução de Rendimentos Agrícolas no Estado de São Paulo

Média de quinquênio e biênio	Índice global	Grupo		
		Moderno	Transição	Tradicional
1948/52	100	100	100	100
1953/57	92	124	88	72
1958/62	109	147	107	74
1963/67	120	151	129	69
1968/69	117	169	118	56

FONTE: Instituto de Economia Agrícola.

V) *Preços* — Ao longo do período em análise, o grupo dos produtos modernos mostra uma nítida tendência de queda nos seus preços. Medido em termos de valor constante da moeda (Cr\$ de 1968), o índice de preços aponta

uma queda de 22%, de 48/52 a 68/69. Se por um lado esses menores preços podem ser tidos como a resultante do progresso desse setor, que se mostrou capaz de ofertar maiores quantidades de produtos a preços mais acessíveis, por outro, há que se ter em conta que ditos preços são também fortemente influenciados pela política econômica geral do País, além de muitos outros fatores, inclusive o mercado internacional. Dentre os produtos, o único que experimentou elevação de preços foi o casulo de sêda. O algodão, entre 48/52 e 65/69 perdeu 34% em seus preços. A cana, perdeu apenas 2%.

No conjunto dos produtos em transição onde figura o café, o comportamento dos preços já foi mais bizarro. Com efeito, no 2.º quinquênio (53/57) os preços acusaram apreciável alta (influenciados pelas cotações do café) para baixarem violentamente no quinquênio seguinte e permanecerem em baixa até os últimos 2 anos. Em relação a 48/52, os preços de 68/69 são 40% menores. Todos os componentes do grupo acusam depressão nos preços, encabeçados pelo café, que perdeu 49% ou quase a metade. O milho perdeu 30% do seu valor e a banana 20%. Apenas o amendoim teve melhor sorte, perdendo cerca de 3%.

No grupo dos produtos tradicionais, o comportamento dos preços segue caminho inteiramente diverso dos dois outros. Assim, seus preços acusam sensíveis aumentos em todos os quinquênios, apenas caindo e de forma acentuada no biênio 68/69, cuja posição foi, não obstante, superior em 11% a de 48/52. Sendo um grupo que abriga os dois mais constantes produtos da dieta alimentar do povo (arroz e feijão), além dos produtos mais nobres em valor nutritivo (carne e leite), esse acréscimo geral de preços indica seguramente a pouco confortável situação do setor de abastecimento alimentar. Considerando os produtos isoladamente, verifica-se bastante diversidade de comportamento. Assim, ao longo do período, constata-se queda de 9% na banha e carne de porco, tendo a mamona baixado de 6%. As grandes altas verificaram-se com o feijão com elevação de 34% e a carne bovina com 32%. O leite também acusou a apreciável alta de 21% ou, cerca de um quinto do seu valor inicial.

A evolução dos preços, experimentada pelos 3 grupos está resumida no quadro a seguir:

QUADRO 5. — Índices de Preços Agrícolas Reais em São Paulo ⁽¹⁾ por Grupos de Tecnificação

Média de quinquênio e biênio	Índice global	Grupo		
		Moderno	Transição c/café s/café	Tradicional
1948/52	100	100	100	100
1953/57	107	90	112	104
1958/62	89	89	69	104
1963/67	92	94	68	85
1968/69 ⁽²⁾	78	78	57	74

⁽¹⁾ Índices correntes deflacionados pelo índice "2" da F.G.V.

⁽²⁾ Dados preliminares.

FONTE: Instituto de Economia Agrícola.

A análise que vem de ser apresentada pode-se, como já foi de início mencionado, acrescentar muitas outras medidas de avaliação do grau de desenvolvimento do setor agrícola. Dessas, apresenta-se a seguir algumas das mais expressivas, constantes também do trabalho em preparação no IEA.

1 — *População agrícola* — A população agrícola de S. Paulo que vinha crescendo de forma diminuta a partir de 1950 marcou seu "ponto de virada" entre 1957 e 1958. O máximo de população agrícola que S. Paulo teve, está sendo estimado em 1957, com 4,150 milhões de habitantes. A partir daí essa população passou a decrescer numericamente. Com a possível exceção do Estado do Rio, S. Paulo é a única unidade do País que apresenta redução, em termos absolutos, da sua população agrícola. Em 1957, o percentual desses habitantes em relação à população total do Estado era de 37%. Daí para a frente, a queda se foi acentuando até os 18,6%, estimados para 1969. Trata-se de resultado significativo, pois sabidamente costuma se considerar como um dos indicadores de regiões desenvolvidas, o fato da população agrícola ser inferior a 1/4 da população total e mais ainda quando ela passa a diminuir em termos absolutos.

O quadro 6, mostra a tendência da população agrícola de S. Paulo, segundo o critério acima exposto.

QUADRO 6. — População do Estado de São Paulo

Ano	Mil habitantes		Participação da população agrícola no total %
	População total	População agrícola	
1948	8.522	3.825	44,9
1949	8.808	3.890	44,2
1950	9.134	3.950	43,2
1951	9.368	4.010	42,8
1952	9.600	4.025	41,9
1953	9.837	4.090	41,6
1954	10.050	4.125	41,0
1955	10.631	4.135	38,9
1956	10.951	4.140	37,8
1957	11.283	4.150	36,8
1958	11.638	4.125	35,4
1959	12.012	4.110	34,2
1960	12.977	4.080	31,4
1961	13.376	4.050	30,3
1962	13.859	4.000	28,9
1963	14.354	3.925	27,3
1964	14.863	3.850	25,9
1965	15.383	3.750	24,4
1966	15.919	3.650	22,9
1967	16.470	3.525	21,4
1968	17.034	3.400	20,0
1969	17.612	3.275	18,6

FONTE: População total: Censo, Dep. Estadual de Estatística, População Agrícola: IEA.

2 — *Produtividade do fator humano* — Relacionando-se o valor global da produção agrícola com a sua população, constata-se uma nítida tendência de crescimento “per capita”, havendo um ganho entre o fim e o início do período (1948/1969) de mais de 60%.

No período favorável de 1960 a 1965 essa renda chegou num dos anos (1965) a superar os 400 dólares “per capita”, baixando um pouco nos anos seguintes. O quadro 7, resume o comportamento que a esse respeito ocorreu no setor.

3 — *Ensino* — Apesar de insuficientes, certos dados disponíveis e relativos ao aspecto educacional permitem dizer que nos últimos anos, vêm sendo rápidos os progressos realizados em todos os níveis e modalidades de ensino no setor agrícola do Estado. O índice de analfabetismo da Zona rural, bem maior que o das cidades, caiu de 61% em 1950 para 31% em 1968.

O quadro 8 possibilita uma visão geral do assunto.

QUADRO 7. — Medida de Produtividade de Fator Humano na Agricultura Paulista

Ano	Valor global da produção por habitante agrícola			Valor global da produção por trabalhador agrícola	
	Cr\$ (de 1968)	US\$ (de 1958)	1948/52 = 100 índices	Cr\$ (de 1968)	US\$ (de 1958)
1948	743	219	95	—	—
1949	740	218	95	—	—
1950	804	237	103	2.075	612
1951	777	229	99	—	—
1952	840	247	107	—	—
1953	859	253	110	—	—
1954	982	289	126	—	—
1955	1.001	295	128	—	—
1956	852	251	109	—	—
1957	962	283	123	—	—
1958	921	271	118	—	—
1959	977	288	125	—	—
1960	966	284	124	2.319	684
1961	1.123	331	144	2.707	798
1962	1.165	343	149	2.824	833
1963	1.294	382	166	3.174	936
1964	1.102	325	141	2.736	807
1965	1.402	413	179	3.565	1.051
1966	1.307	385	167	3.347	987
1967	1.267	374	162	3.309	976
1968	1.214	358	155	3.238	955
1969 ⁽¹⁾	1.293	381	165	3.530	1.041

(¹) Dados preliminares.

FONTE: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 8. — Porcentagem de Alfabetização no Estado de São Paulo

Ano	Urbana	Rural	Estado
1950	76,5	39,2	59,3
1968	82,5	68,8	78,1

FONTE: 1950: Censo demográfico; 1968: Pesquisa Nacional por Amostra de domicílio, IBGE.

Cumprе assinalar que o ensino primário na Zona rural é mais deficiente que o das cidades, pois o curso habitual é de 3 anos e a porcentagem de evasão durante o mesmo é bem maior que nas escolas urbanas. Todavia, em dezembro de 1969, havia certo número de escolas (cerca de 700 classes) ministrando, ao lado do currículo habitual, ensinamentos de agricultura. O progresso da alfabetização no meio rural não tem ocorrido a ritmo muito satisfatório. Em grande parte, isso é devido ao êxodo rural que tende a ser mais intenso entre as pessoas mais preparadas e às correntes migratórias, já que a rede escolar não parece muito deficiente, ao menos a julgar pela distância média das propriedades que não possuem escolas, a qual, era de 2,6 quilômetros de uma unidade escolar.

4 — *Alguns usos de insumos modernos.*

4.1 — *Sementes melhoradas* — O uso de sementes selecionadas e ou melhoradas, vem tendo, em termos globais, razoável crescimento em S. Paulo. Como se sabe, a cotonicultura ocupa a este respeito lugar de exceção, já que a distribuição das suas sementes é, de há muitos anos, monopólio da Secretaria da Agricultura. A utilização de sementes híbridas na cultura do milho, já abrange mais de 2/3 da sua superfície de cultivo, intensificando-se também o uso de melhores sementes nas culturas do amendoim, soja, mamona, café e outras.

4.2 — *Fertilizantes* — A utilização deste importantíssimo insumo, ainda que crescente, não se processa a ritmos desejáveis ou nas proporções indicadas. O insuficiente emprego de adubos é devido basicamente a 3 causas: a) relação desfavorável entre os preços dos produtos agrícolas e o dos fertilizantes; b) baixa disponibilidade de capital; e c) falta de melhores conhecimentos sobre o uso adequado dos adubos. Mesmo assim, entre 1958 e 1968, o emprego de fertilizantes pela agricultura paulista cresceu em mais de 150%. S. Paulo consome presentemente cerca de 60% do total brasileiro e em termos da América do Sul sua posição a este respeito é muito boa. Em relação à área arável, o emprego de fertilizantes em S. Paulo é superior ao de muitos países como: México, Chile, Rússia e África do Sul.

Quanto ao emprego de corretivo (calcário) é ele ainda muito baixo, embora tenha apresentado no quinquênio 64/68 uma expansão de 77%.

O emprego de defensivos, difícil de avaliar em decorrência, sobretudo, das constantes modificações porque passa a composição dos elementos ativos em tais produtos e do aparecimento de novas pragas e moléstias, tem aumentado também em proporções razoáveis.

4.3 — *Moto-mecanização* — O uso de tratores pela agricultura de S. Paulo, após ter apresentado firme progresso entre 1953 e 1962, entrou em marcha lenta daí por diante, não atingindo os resultados geralmente esperados. Ainda que os preços das máquinas e equipamentos não sejam em termos absolutos, muito elevados, mormente após as diversas medidas governamentais de estímulo ao fabrico e aquisição, a relação dos mesmos com os preços dos produtos agrícolas, com os salários rurais e em muitas circunstâncias, com os custos de serviços através o emprego de animais, não é bastante favorável, impedindo um mais célere ritmo de mecanização. Ademais, muitas explorações agrícolas, por motivos vários, ainda são conduzidas em tamanhos e sistemas inadequados à moderna mecanização.

Em 1969, dos 82.128 tratores existentes no setor agrícola do País, 59.657 ou mais de 70% estavam em S. Paulo. Nesse ano entretanto a aquisição de tratores pela agricultura de S. Paulo fôra menor que em 1965 e bem inferior aquela de 1962.

Em termos da relação trator/ha agricultáveis, a posição de S. Paulo não é má, situando-se acima de muitos países como Argentina, México, Espanha, Turquia etc.

Com a exposição que vem de ser feita e levando em conta a falta de uma escala de referência que permitisse medir com aceitável grau de precisão o nível de desenvolvimento atual da agricultura paulista, cremos poder dizer que esta, em suas linhas gerais, encontra-se no limiar do estágio em que está a agricultura dos países desenvolvidos, mas situado nos últimos lugares dessa classificação. Talvez mesmo, já se encontre francamente aí incorporada, pois o julgamento é difícil e evado de arbitrios. O que parece certo entretanto é que sua marcha tende a acelerar-se cada vez mais nesse sentido, a menos que sobrevenham condições econômicas extremamente desfavoráveis e externas ao setor.

Quais as causas que teriam conduzido essa agricultura ao lugar destacado que sem dúvida ocupa junto aos setores correspondentes das demais unidades do País?

Evidentemente a resposta não é muito fácil e dependendo do modo de encarar o assunto, estar-se-ia diante de um enorme rol de causas. Tentar-se-á a seguir, ater-se apenas aos fatores que pareçam mais importantes, fazendo-se desde logo abstração das condições fisio-geográficas e outras, como política geral do País, ocorrências internacionais, aspectos históricos de menor importância etc.

Numa tentativa dessa natureza, cumpre desde logo citar o café, de longe a mais importante mola propulsora do progresso de S. Paulo e de importância tão destacada que todas as demais causas, diretas ou indiretamente a ela se ligam. Em poucas palavras, foi o café quem criou as condições iniciais e assegurou o caminho para o progresso da região. Dentre os outros fatores ou causas que teriam influido nesse desenvolvimento e que como já foi dito, são decorrências diretas ou indiretas do café, podem ser citados, sem preocupação por ordem de importância, que aliás seria de difícil e quiçá impossível determinação, os seguintes:

a) As emigrações, tanto de origem interna como as provenientes do exterior. Embora seja hábito atribuir-se maior importância às imigrações do exterior, mormente com os destaques às valiosíssimas contribuições das colônias italianas e japonesas, é bem possível e mesmo sob certos ângulos incontestável, que o principal papel seja o representado pela corrente migratória provinda de outras regiões do País;

b) O afluxo de capital e técnica do exterior e também a acumulação propiciada pelo próprio setor, auxiliando a montagem e o aperfeiçoamento de toda a complexa infraestrutura requerida por uma economia moderna;

c) A construção de estradas de ferro, com especial destaque para aquela que ligou o Planalto à Baixada, integrando o porto de Santos à economia do Estado, abrindo a ela novas dimensões e modificando a direção dos seus mais importantes canais de comercialização;

d) O processo de industrialização do país que se concentrou sobretudo em São Paulo gerando conseqüentemente intensificação na urbanização e ampliação do mercado interno para produtos agrícolas;

e) A presença de outras explorações agrícolas de importância, mormente aquelas que em caráter permanente ou passageiro, tem contribuído para a obtenção de divisas como: algodão, cana-de-açúcar, banana e laranja;

f) A instituição desde há tempos, bem como a manutenção e ampliação constante de órgão governamental dedicado à pesquisa agrícola e assistência técnica aos produtores, o qual, conta inegavelmente com precioso acervo de realizações nos setores da pesquisa agronômica, da defesa sanitária animal e vegetal, da assistência técnica direta aos produtores, bem como nas pesquisas sócio-econômicas referentes ao setor agrícola; e

g) Os gastos com educação formal e técnica, que apesar de insatisfatórios, foram em São Paulo suficientes para a manutenção de uma rede de ensino que permitiu assegurar um razoável ritmo de progresso ao setor.

Como é fácil de se ver, nesse elenco de fatores há aqueles que deixaram de atuar quer parcial ou totalmente e outros cuja participação foi crescendo com o passar dos anos. Novos fatores também apareceram, mas acredita-se que aqueles aqui mencionados compõem razoavelmente as principais forças que impulsionaram o desenvolvimento da agricultura paulista.